

# O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

## Editorial

A empresa de yogurtes Longa Vida ofereceu aos banheiros de Fão sessenta barracas que já este ano foram utilizadas na época dos banhos. Acontece, porém, que nos fins de Agosto, um alto funcionário daquela empresa visitou a nossa praia, talvez para ver o modo como tinha sido aproveitada a oferta — falharam os slogans publicitários — e, ao deparar com o lixo circundante, virou-se para o Arquitecto Pádua que o acompanhava e teve este desabafo: «É a praia mais porca que eu conheço».

O nosso amigo arquitecto disse-nos que ao ouvir aquelas palavras procurou um buraco no chão para se meter e que ficou sem coragem para solicitar as restantes barracas que estavam prometidas. A publicidade necessita de um enquadramento adequado e a componente limpeza não pode estar de modo algum ausente. Isto é curial.

Por nós já não é a primeira vez que chamámos a atenção de quem

de direito para o estado calamitoso a que chegou a nossa praia que é — repare-se bem — a nossa fonte principal de «divisas». E se não, reinventem por momentos o nosso condicionalismo geográfico e arremessem para longe o mar. Lá se iam os hotéis, as casas de veraneio, os restaurantes, os cafés e tudo o que representa comércio na nossa terra. Seríamos um zero à esquerda.

É absurdamente gritante o pouco cuidado que temos tido com a nossa praia. Já não falamos da ala norte

a passividade das entidades. Mas nós referimo-nos sobretudo ao lixo que campeia em toda a zona dos banhos, à montureira em que se converteu toda a vertente sul, aos plásticos, aos papéis, às garrafas vazias, enfim à situação de abandono a que chegou a nossa praia que é a nossa principal sala de visitas e — voltamos a insistir — a nossa principal fonte de receita.

Atente-se nas praias mais conhecidas: Esposende, Apúlia, Póvoa, Figueira da Foz, S. Martinho do

## UMA PRAIA DEGRADADA

que vista do lado do mar dá a impressão de ter explodido ali há pouco uma bomba atómica, tão desventrada e pedregulhada ela se encontra. E no entanto bastava ali um catrapilar para alisar e suavizar os terrenos. Aquilo tal como está é a expressão de incúria dos nossos responsáveis. Não aludimos especificamente àquela escada inestética que em frente à avenida foi colocada tarde e a más horas, mercê da iniciativa dos banheiros locais e dada

Porto, para não falarmos de todo o Algarve. A nossa é a campeã do lixo e do desmazelo. Tem toda a razão o funcionário da Longa Vida: a praia de Fão é a mais mal tratada que conhecemos.

P. S. — Já depois de escrito este editorial, constatamos que a Câmara mandou proceder à recolha do lixo na nossa praia no dia 3 de Setembro. Entretanto os veraneantes de Agosto já tinham partido com as suas más impressões. E depois, que diabo, será que um homem se lava apenas uma vez por ano?

## O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

### Jerónimo de Barros Peixoto

Muita gente nos tem manifestado o desejo de ver o nome de Jerónimo Peixoto a preencher a secção dos perfis. E nós temo-nos interrogado: porquê o velho Peixoto?

A sua imagem vem até nós penumbra da distância dos anos, mas apesar disso ela apresenta-se-nos ainda hoje como que ressumando autoridade.

Foi com efeito na nossa meninice o regedor de Fão e todos sabemos que os adultos, quando colocados em situações de mando, desportam na mente dos miúdos um sentimento próximo da sacralização do poder: reverência, respeito, temor. Depois ou ao mesmo tempo ele era o proprietário da Pensão Peixoto, uma casa que havia do lado direito, quase à entrada da ponte e que

um arranjo urbanístico fez demolir. Quando o nosso Professor nos mandava buscar um masso de tabaco «Superior» «ali à Pensão» o Sr. Peixoto, de braço esparramado ao longo do balcão, ouvia-nos com um olhar misturado de bonacheirice e bondade, dirigia-se com o seu andar de pinguim à prateleira e logo nos dizia: «Toma lá».

Mais nada do que isto se encontra nos gavetos da nossa memória, o que nos obrigou a recolher outras informações para modelarmos este perfil.

— O Sr. Peixoto? Oh! Oh! era bem caçado — disse-nos alguém que lhe frequentava a casa. — De vez em quando pregava lá na porta: «Hoje há magnésia de lagosta». Outra frase que se via

(Continua na pág. 4)





## PELOS AMIGOS DE FÃO

Não navega em muitas boas águas esta prestimosa associação cuja falta verdadeiramente se sentirá quando um dia deixar de existir. Diremos só que é o factor de maior atracção dos banhistas que se instalam na parte velha de Fão; é por assim dizer a sala de estar dos banhistas de Fão, um centro de cavaqueio e de amizades, um elemento dissuasor para os que fazem propósitos de não mais voltar.

Acusa crises cíclicas e neste momento (só aparentemente, como diz o dr. Zé Emílio) o ambiente não é de muito optimismo. Há quem diga que a receita é diminuta e há quem afirme também que o dinheiro vai chegando.

Sem dúvida que as obras são o ponto doloroso desta Casa, mas com jeito e boa vontade tudo se há-de conseguir.

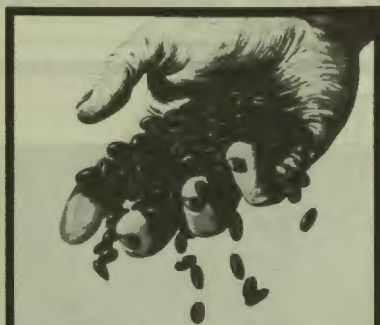
Pelo menos foi uma rajada de fé que perpassou pela última assembleia geral (domingo, dia 1) e que conseguiu sem muita dificuldade eleger a seguinte Direcção: Dr. José Manuel Madureira, dr. Carvalho Matos, eng. Pedro Matos, Luísa Carvalho, Clarice Soutinho e Mário Gandarela; e a seguinte Assembleia Geral: Presidente: Dr. José Emílio Sampaio e Castro; vogais: Eng. Adolfo Macedo, eng. Sérgio Mariz, Eng. Antero Duran.

Afora o Patriarca, perdão, o dr. José Emílio, é tudo sangue na guelra e onde há juventude há sempre Esperança.

## DIDIFER

Com este nome o nosso amigo Sebastião Didier abriu um estabelecimento de ferragens na cidade do Porto.

Conhecemos desde criança o grande «Restaura» e dadas as qualidades de trabalho e de seriedade que o acompanham preve-mos um êxito total no seu empreendimento. Ao novo empresário aquele abraço.



**o melhor café**  
é o da

**A BRASILEIRA**  
PORTO

# TUDO POR ORDEM

*Aproximam-se as eleições, movimentam-se os partidos políticos e muito breve teremos os célebres comícios com a apresentação de seus programas caso sejam eleitos; então, como quem não está querendo nada, aproveito para sugerir aos senhores candidatos o que Fão está a precisar de imediato: 1.º a continuação da Avenida Beira Rio até o Caldeirão; 2.º a pavimentação e corte de cotovelos na rua paralela a Serpa Pinto que vem da estrada nacional n.º 13; 3.º a estrada que vem do hotel Ofir às Rodas, a pensar na inteira necessidade de via única na rua António Veiga; 4.º a continuação do alargamento, pavimentação e muros no caminho de Santo António!; 5.º pavimentação no caminho que dá acesso à praia nas pedrinhas, com a respectiva praça a confinar com as dunas e não no meio do caminho como foi feita na Senhora da Bonança; 6.º pavimentações da continuação da Rua S. João até à estrada que vai de Ofir à Apúlia; 7.º um pavilhão gímnodesportivo para melhor se*

*fomentar o desporto na nossa terra. Já não quero falar no tão esperado mercado que segundo me consta está para breve assim como a rua dos Lírios.*

*Outros melhoramentos poderíamos lembrar, mas vínhamos por conta dos candidatos; é preciso ter em atenção que as promessas que fizerem devem ser realizadas; a bem da verdade deve-se dizer, que os actuais autarcas, melhor ou pior, vêm cumprindo o que prometeram e assim é que deve ser.*

*Somos de princípio contra os demagogos, estamos certos que não existirão principalmente na nossa terra.*

F. S.

## Dr. Juvenal Silva

Partiu para Bordeus, a fim de participar num simpósio sobre planeamento familiar, o nosso amigo dr. Juvenal Silva que se fez acompanhar de sua Esposa.

A sua escolha entre numerosos clínicos da especialidade vem premiar todo o labor e o alto gabarito atingido no domínio da obstetria por este médico esposendense.

## Aumente o seu Colesterol!

Cá estamos uma vez mais a estimular o colesterol de cada um para uma subidazinha, pois no há colesterol que resista a um petisquinho bem saboroso, não é verdade?

Hoje vamos ver um acompanhamento, de paladar muito agradável para servir com um prato de carne assada. São as:

### CEBOLINHAS COM AÇÚCAR

Cozem-se as cebolas necessárias, tendo o cuidado de escolher sempre as mais pequenas e de não as deixar cozer demasiadamente.

Escorrem-se muito bem e deitam-se numa

assadeira, onde já deve estar o mólho de ter assado a carne.

Junta-se um pouco de manteira (ou margarina) e polvilham-se as cebolas com uma colher de sopa (rasa) de açúcar.

Vão ao forno até alourarem e servem-se com a carne, assada previamente.

E vamos ver o que vai ser a sobremesa; que nos desculpe o colesterol, mas já a minha Avó dizia que... «o doce nunca amargou!»...

### PUDIM AMOR

Ovos — 6.

Açúcar — 350 gramas.

Farinha de trigo — 2 colheres de sopa.

Leite — meio litro.

Limão — raspa de um.

Vinho do Porto — 1 cálice.

Batem-se as gemas com o açúcar, juntando-se sucessivamente: a farinha, o leite, o vinho, a raspa de limão e as claras batidas em castelo.

Depois de tudo bem misturado, deita-se numa forma previamente untada com 150 gramas de açúcar em ponto de espadana, coze 10 minutos em banho-maria e seguidamente vai ao forno, no mesmo tacho, onde acaba de cozer.

É bem bom! Até o colesterol vai gostar!...

Até à próxima, se Deus quiser. E... BOM APETITE!

Tia Mariquinhas

## Promoção

Por ter sido promovido por concurso, foi transferido para a Repartição de Finanças de Vila do Conde o Sr. Carlos Maria do Pilar Barra Reis que trabalhava em Espo-sende.

O novo local de trabalho é relativamente perto desta vila pelo que o nosso amigo virá ficar todos os dias a casa. Congratulamo-nos com isso, pois Fão não se pode dar ao luxo de dispensar os seus filhos em idade activa.

Felicidades no novo cargo que vai ocupar.



# UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO DO APOIO REGIONAL



# UMA CHÁVENA DE CAFÉ

Regresso de férias. O carro vem cheio e as crianças no assento da rectaguarda parecem desfazer-se no meio da tralha. Felizmente, resolveram jogar às cartas e isso distraiu-as do percurso ainda a fazer. Lembramo-nos das corridas em Vila do Conde e comecei a mentalizar-me para as enormes «bichas» de automóveis e pelo alívio que sentiria sempre que a viatura deslizasse dois metros que fosse.

Qual o nosso espanto: Vila do Conde quase sem trânsito, espriava-se entre flores e as águas do Ave espelhavam a caravela que parece não mais abandonar os estaleiros. Num ápice, atravessamos a ponte e pouco depois o mercado, com receio que algo nos fizesse «secar». Faltava Póvoa de Varzim. Surpreendente: dezassóis horas e a estrada praticamente livre. Os restaurantes iam ficando para trás. Mais adiante Fão com as vaquinhas a pastarem nas ilhotas verdes do rio. Depois Esposende, murando a estrada com mostuários de praia e as lindas toalhas de renda que são soho de muitas mulheeres portuguesas.

Respeitando as regras da estrada, mas tentando sempre chegar o mais cedo possível ao nosso abrigo, para descaregar a mala apinhada do automóvel, arejar a casa e tomarmos um bom banho.

Estava tudo demasiado fácil, demasiado cor-de-rosa, a realidade era outra e ela surgiu: nas bermas da estrada camionetas, camionetas e sempre camionetas de excursionistas oriundos de Paredes de Coura, de Famalicão e de outras vilas; carros de matrícula estrangeira com gente portuguesa e por entre os estacionamentos em transgressão que deixavam as faixas de rodagem

apertadíssimas, serpenteavam gentes vindas duma romaria algures, carregando sacos que ameaçavam rebentar a todo o momento, de roscas, de melões, de vinho e de outras tantas coisas.

Era ver as viaturas a «passo de trote», as motos fumegando com famílias inteiras montadas, era ver os olhares dos condutores, os nossos olhares e as miúdas estrangeiradas mostrando o corpo em poses de manequim estreante.

Tudo isto, quilómetros antes e quilómetros depois do ponto da romagem: S. Bartolomeu do Mar. A igreja adornada e o adro também — dois pequenos coretos com as bandas em descanso, duas caravanas de faturas apinhadas de gente e um barracão inestético transmitia em alto e bom som, música e cantares portugueses — cassetes piratas que proliferam pelas nossas feiras nortenhas fazendo pequenas fortunas, para português emigrante comprar.

Finalmente chegámos a casa. Na caixa do correio, apenas um jornal de Viana que preenchia as suas poucas folhas em honra às nossas romarias que no Verão abundam nesta região minhota.

E interrogo-me: porque continuamos publicitando as romarias populares portuguesas sem termos em conta que há que complementar com estruturas que suportem o acréscimo anual de gente veraneante e como consequência o aumento de viaturas? Para que não vejamos como vimos, parques provisórios, em campos cultivados de milho e de couves e «bichas» intermináveis de turistas que figuravam cansaço, tédio e revolta em vez de alegria e relaxamento que a nos convida a paisagem minhota.

M. ARLETTE S. F.

27-8-85

## ENTRE NÓS

Tivemos o grata prazer de receber a visita do nosso amigo Joaquim Fonseca da Silva, o Quim Xiquita, que já não viamos há precisamente 33 anos. Quanta o tempo voa!

O Quim foi além do mais um jogador de futebol que se iniciou em Fão, passou para o Esposende, jogou dois anos no Gil, voltou de novo a Esposende e de repente diz adeus à sua carreira de futebolista e abala com 25 anos para o Brasil. Lembra-nos que o acompanhámos a alguns treinos a Barcelos.

O Quim Xiquita traz-nos à memória por arrastamento outros jovens, aliás a geração de jovens fangueiros do após guerra: Zeca Barqueiro (este sacana esqueceu os seus amigos fangueiros), Albertinho Furtada, Manuelzinho Cascalha, Ilídio Mendanha, Reinor de Sá Pereira, Daniel Furtada, Franquellm Samaritano e tantos outros que os vaivéns da sorte ou o destino levaram de Fão.

Pois o Quim voltou para ver as irmãs, os amigos, para ver a sua terra. Casado, com filhos e netos do «outro lado» o epicentro da vida deste fangueiro deslocou-se para além-atlântico. Fão não pode ser para ele aquilo que já foi outrora. De qualquer modo está entre nós. Formulamos votos para que se sinta realmente em casa e que jamais esqueça a terra que o viu nascer.

— Também se encontra entre nós David Machado Viana, há largos anos radicado no Brasil, mas que roído pelas saudades lá veio fazer uma visita a Fão e aos seus.

Boa estadia entre nós.

### Pagaram as suas assinaturas

Manuel Faria Graça, França, 1.000\$; D. Joaquina Nunes Madeira, Porto, 500\$; Dr. Alberto Malajia Baptista, Porto, 500\$; Nelson Manuel Cardoso, Porto, 500\$; D. Esperança Cubelo Arantes, Fão, 500\$; Artur Gonçalves Calafate, Fão, 500\$; Amadeu Vassalo da Costa, Fão, 500\$; João Luís Pereira Reis, Fão, 500\$; António Fernando Gaia, Matosinhos, 500\$; António Fernando Gaia, Matosinhos, 500\$ (1986); Samuel Vieira dos Santos, Esposende, 500\$; Dr. José Albino Torres Saraiva, Fão, 500\$; Eng.º Romualdo Luís Ribera Salcedo, Porto, 500\$; Manuel Martins, Fão, 500\$; D. Paula Maria M. da Cruz M. de Macedo, Braga, 500\$; José Augusto Oliveira Pinto Queirós, Lisboa, 500\$; D. Maria da Saúde Herdeiro, Porto, 500\$; Joaquim Monteiro Neves, Fão, 500\$; António Teixeira da Silva, Esposende, 500\$+350\$; Dr. José Gonçalo Areias, Aveiro, 500\$; D. Eulália Gonçalves de Carvalho, Póvoa de Varzim, 500\$; José Amândio Viana Araújo, Fão, 500\$; António Fernando Rites Sacramento, Braga, 500\$; Restaurante Rita Fangueiro, Fão, 500\$; D. Alice Torres do Monte, Fão, 500\$; Mário José Gandarela Pinto, Porto, 500\$; Alberto Sérgio Cardoso de Sousa, Esposende, 500\$+350\$; Alberto Aires Pereira, Porto, 500\$+500\$; Manuel José Ferreira, Fão, 500\$ e Dr. Jorge Basto, Porto, 500\$00.

Bem hajam.

## LongaVida



o que é bom da natureza

## TÔMBOLA

Com o regresso do Umberto Didier para o Porto, a Tômbola que vem funcionando nos baixos da Misericórdia só funcionará aos fins de semana. De qualquer modo, poderemos afirmar que tem sido um êxito. Aquilo dá trabalho mas também dá dinheiro.

Vamos a ver como se vai portar a equipa de futebol, principal beneficiária dos tomboleiros.

## Festa do Rio

Continuando aquilo que já vem sendo usual, vai realizar-se nos dias 14 e 15 de Setembro a Festa do Rio. Vão reactivar-se jogos tradicionais, haverá provas de canoagem, arraial minhoto e um lanche entre os putos da canoagem.

A festa é deles e também do rio.



# Jerónimo de Barros Peixoto

(Continuado da pag. 1)

com frequência escrita e que os clientes apresentavam como anedota aos amigos era a dos preços: «Preçurário dos ménés». (Preçário dos menus).

Nós quisemos saber:

— Mas era a brincar?

— Qual brincar, qual carapuça! Aquilo para Fão de há quarenta anos era muito bom e o Peixoto que na sua Pensão convivia com pessoas de altos quadrantes sociais, tinha-se e era tido como pessoa de estaleca acima da média e portanto o que escrevia tinha força de lei. *Magister dixit*. Os hóspedes mais íntimos consideravam-no sobretudo um ingénuo com mentalidade de estalajadeiro à *outrance* e dois casos bondam para ilustrar tal assento.

Um deles passou-se com o nosso conhecido Sousa Martins, um dos *habitués* mais assíduos da pensão. Sentindo a necessidade de um quarto de banho perguntou-lhe:

— Então não há aqui quarto de banho?

— Oh! Oh! — logo retorquiu o velho Peixoto. — Issó aqui não é preciso. Os banhistas vão à praia e tomam banho no mar. Os que não querem ir à praia tomam o banho no rio que é pertinho.

E tão sério, firme e convencido se revelou semanas e meses a fio, que o Sousa Martins não teve outro remédio se não mandar fazer um quarto de banho privativo que no entanto dispensava «ao público» na sua ausência.

Outra ocasião entraram-lhe pela casa dentro umas pessoas para o Sr. Peixoto orçamentar um casamento. Ele perguntou o que queriam no «méné», fez as contas e num instante apresentou o preço. As pessoas ouviram, fitaram-se umas às outras, aceitaram as condições e saíram.

Estava lá um cliente, o sr. Madeira que ouviu a resposta, achou o preço demasiado baixo e, como tinha muita

confiança com o dono da casa, disse-lhe que ele ia perder dinheiro.

— Olhe — elucidou-o o velho Peixoto —: eles querm peru e a minha mulher tem muitos na capoeira; batatas, temo-las no campo e couves há muitas no quintal. Poucas coisas vai ser preciso comprar ...

Perante os habitantes locais a imagem do Sr. Peixoto arrastava um lado de heroicidade que se prendia com uma escaramuça travada com uma quadrilha que no início da época de vinte campeava em Fão e era comandada por um tal Sulemitas.

Jerónimo Peixoto era o comandante do sub-posto da G.N.R. que então existia na terra fangueira e nessa qualidade passou uma busca na casa de um dos presumíveis malfeitores. Não lhe levaram a bem tal demarche os elementos do bando que na noite do arraial da S.<sup>a</sup> da Bonança (1922) procuraram a desforra, emboscando a ronda da guarda, formada pelo cabo Peixoto e um colega. O primeiro a ser atacado com uma faca de matar porcos foi o comandante do Posto a quem a grossura do capote salvou de uma morte certa e que logo se atirou para o chão fingindo-se morto. «Este já está», logo gritaram os bandidos que imediatamente cercaram o outro guarda que, menos feliz, sucumbiu sob os golpes assassinos.

O guarda Peixoto conseguiu libertar-se, foi ao meio da festa pedir socorro tendo acorrido em primeiro lugar em sua ajuda o farmacêutico Monteiro. No dia seguinte a G.N.R. de Esposende levou toda a quadrilha presa.

Como comandante da Guarda procurava cumprir. Daí ter-lhe ficado uma certa máscara de façanhudo que era só máscara.

Como empresário não passava de um estalajadeiro romântico ou lírico cujas peripécias enriqueceram o anedotário local.

Como regedor, como agia ele? Um seu admirador resumiu-nos muito lapi-

darmente estoutra faceta de autoridade com que agrilhoaram Jerónimo Peixoto: «Se alguém aparecia a queixar-se que lhe tinham roubado uma galinha, o Sr. Peixoto torcia o nariz, encolhia os ombros e logo sentenciava: «Oh! Uma galinha não é assim uma coisa de maior... Mas se lhe aparecia alguém a lamentar-se que lhe tinham roubado duas galinhas, então o Peixoto, fleugmático, rematava: «Como são duas galinhas o caso é mais sério e é já com Esposende. Tem que lá ir.»

Era assim Jerónimo de Barros Peixoto ...

Talvez. Talvez. *Ma non troppo!*

## Janelas

Em frente desta varanda,  
Do outro lado da rua,  
Há uma grande janela  
Que avistada desta banda,  
Parece brilhante lua  
Rectangular e singela.

E o que vejo através dela,  
Tem-me feito meditar:

Uma mulher debruçada  
Sobre um rústico tear,  
Toda, toda afadigada,  
Fazendo não sei o quê,  
Pois donde estou não se vê.

Pouco mais conheço dela,  
Nem o nome, nem a idade,  
Se é casada, se é solteira,  
Analfabeta, letrada,  
Portuguesa ou estrangeira,  
Se vive alegre, se triste,  
Se tem filhos, empregada,  
Se ninguém com ela existe,  
Se passa necessidade.

Mas muitas coisas eu sei  
De Física e Geografia,  
De Ciências, Português,  
De Desporto e Astronomia,  
Dos Povos da Antiguidade,  
Quem foi o primeiro rei,  
Quem as Pirâmides fez.

E a seguir pensei, pensei,  
Nas muitas outras janelas,  
Quase sempre encortinadas,  
Onde há vidas encerradas,  
Com segredos dentro delas  
E sobre as quais nada sei.

DINIS DE VILARELHO  
Gondomar, Julho de 1985

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.DA

création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL

*CAZAL*

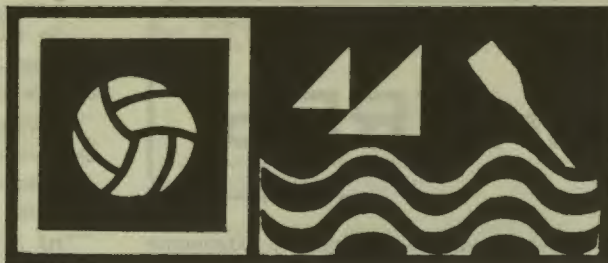
RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

## Aniversário

Os leitores perdoarão que realcemos aqui o aniversário da Amelinha (Amélia Moreira de Sousa para os carteiros) que ocorrerá precisamente no próximo dia 13 deste mês. São oitenta e tantas primaveras accionadas já por pilhas. Isto não retira a boa disposição da Amelinha nem lhe diminue a sua capacidade beijoqueira. É de facto a dama que mais beijos distribuiu em Fão. Por muitos anos, Amelinha, e os cinco da praxe.



# DESPORTO



## NÉ VIEIRA

Um homem da canoagem fala a «O Novo Fangeiro»

Os fangeiros são homens de água, água salgada e água doce, água do mar e água do rio. Desde sempre eles viveram embalados pelo murmúrio cantante do corrente do oceano e pelo silencioso deslizar das águas do Cávado. Povo de marinheiros, foi nas águas que eles enriqueceram, foi na água que se exercitaram, será na água que eles se destacarão nos desportos. Existe actualmente um grande entusiasmo pela prática da canoagem. É a voz do sangue a falar, são as raízes do tempo a produzir os seus frutos. «O Novo Fangeiro desde sempre tem acompanhado com particular cuidado este desporto pois sente que ali está a nossa vocação, ali está o nosso futuro.

Quisemos por isso ouvir um homem que a este desporto se tem dado de alma e corpo, um homem que ouviu a voz do tempo e interpretou adequadamente a ideosincracia fangeira. Né Vieira é o seu nome, aliás sobejamente conhecido. Ouçámo-lo:

— *A canoagem em Fão tem-se desenvolvido. É para valer?*

— Sinto que sim. Não há dúvida que a sua prática no esquema da alta competição pressupõe, para além da motivação pessoal a existência de infra-estruturas que possibilitem a permanência do grupo e uma planificação evolutiva tendente aos bons resultados. Estamos perfeitamente conscientes que o tempo é um grande mestre e que a vontade firme dos nossos atletas que bem representam a essência do amadorismo vão permitir o cimentar da canoagem em Fão e transportá-la para os níveis da sua prática. Fão disfruta de óptimas condições para a prática dos desportos náuticos e é nisso que devemos insistir e apostar.

— *A canoagem dispõe de receitas que permitem essa aposta?*

— Ai é que reside o busílis. Como sabe as verbas são muito exíguas dado que as provas realizadas não permitem receitas. Antes pelo contrário. No entanto temos efectuado as nossas diligências junto da autarquia e das entidades privadas no sentido de garantirmos o financiamento necessário para a aquisição de material e despesas de deslocação no que temos sido bem sucedidos, embora nem todas as pessoas estejam



Né Vieira

sensibilizadas para o efeito muito positivo da canoagem sobre a juventude e ainda sobre uma boa imagem da nossa vila.

— *Quanto a projectos ...*

— Posso dizer-lhe que o nosso sonho, e neste aspecto não nos pode faltar a ambição, é a construção de um Posto Náutico que será de extraordinário interesse para o desenvolvimento dos desportos de rio na nossa Vila. Esta pretensão já mereceu os cuidados da Câmara Municipal que se mostrou receptiva à ideia. No entanto outras perspectivas se desenham no horizonte que, a concretizarem-se serão a resposta ao espírito de iniciativa e ambição que caracteriza o nosso grupo.

Em termos de projectos que mere-

cam satisfação imediata, iniciamos a campanha para a aquisição de um barco de quatro lugares (K 4) cujo custo é de cerca de 110.000\$00 e o apoio já revelado por fangeiros e amigos da nossa terra é sensibilizante e motivador.

No aspecto técnico e dado que temos agora dois jovens treinadores, o Ramiro Novo e o Vânio, que frequentaram o IND em Lamego, o ano de 1986 vai ser diferente em termos de planificação e de resultados, creio. Espero também contar com o apoio de um técnico credenciado e estamos fortemente motivados para um trabalho intenso a nível das camadas infantis; são eles quem poderão catapultar o nosso clube para um futuro de êxitos.

— *No final da época sente-se contente?*

— Com certeza que sim. Obviamente que uma equipa de canoagem necessita de muitos anos de trabalho. Os bons atletas são fruto de muitos sacrifícios e muita dedicação materializados no treino metódico e exigente ao longo dos anos. Os nossos atletas já têm consciência disso, do que são provas as classificações individuais obtidas e que levaram o nosso clube para classificações gerais satisfatórias.

Participamos em duas provas internacionais de prestígio, para além de outras com atletas nacionais; organizamos a 1.ª Maratona Cávado e vamos organizar a Festa do Rio, aumentámos o património do núcleo e demos uma melhor estrutura à secção. Tivemos grandes dificuldades sobretudo no transporte dos nossos atletas e respectivos barcos — o que é ainda um grave problema — mas sinto que foi um ano positivo mercê da forte vontade dos nossos atletas e essencialmente da sua dedicação. A esperança de todos nós é que os bons fangeiros se sensibilizem para apoiar esta modalidade porque, ela é muito salutar para os nossos jovens e é muito benéfica para a nossa Vila. Devemos apostar nas boas condições, nas melhores condições que Fão dispõe para lançar uma modalidade desportiva.



O descanso desejado...

**HOTEL DO PINHAL** ★★☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(boa Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



**Conversando...**

CECILIA PAIXÃO AMORIM

**ÀS MULHERES**

É para as donas de casa e para todas as mulheres em geral, que vou, hoje, dedicar estas singelas linhas; não propriamente para lhes falar de assuntos caseiros, mas para dar um pouco de alento e apoio a todas aquelas que se julgam incompreendidas, mal julgadas e esquecidas!

Gostaria de vos fazer esquecer, por escassos momentos, todas as vossas preocupações e os vossos problemas e dar-vos uns minutos de descanso e espiritualidade, mas sobretudo a certeza de que há uma mulher que vos compreende!

Sei que a vossa tarefa é dura!  
É dura e apagada!

Só as mulheres, dedicadas ao lar, ao marido e aos filhos sabem quanto é grande e árduo o trabalho do dia a dia!

Por muito modesta que seja a sua posição social, a mulher quando assume conscienciosamente o lugar de dona de casa e mãe de família é o principal esteio do lar!

É a ela que todos recorrem!

É ela que tem de saber tudo, olhar por todos, cuidar das pequenas e grandes coisas, aplanar dificuldades, semear a harmonia entre o marido e os filhos, dar ao lar um ambiente calmo e reconfortante, equilibrar orçamentos e nas horas tristes e amargas, ser o bálsamo consolador!

O seu trabalho não tem horário! Só quando todos dormem é que o seu espírito encontra um pouco de repouso!

Muitas vezes, no fim dum dia extenuante e preocupado ela, que gostaria de encontrar um pouco de apoio nos outros, um sorriso ou uma palavra carinhosa, ouve imerecidamente censuras, palavras ásperas e culpas que não tem!

Nesses momentos toda a sua boa vontade e energia desfalecem.

Sente que a vida lhe é adversa e que não vale a pena os seus sacrifícios e a sua abnegação...

Mas a verdadeira mulher não sucumbe por muito tempo.

Sabe que precisam dela e, então, no seu espírito, renasce mais uma vez a força necessária para cumprir a sua missão até ao fim!

E é tão vasta essa missão...

Na época que atravessamos a vida familiar tomou novos aspectos e perdeu muitos que lhe davam um certo encanto.

Devemos acombater, com tacto e inteligência, essa onda destruidora que nos nossos dias podem destruir os nossos lares!

As reuniões familiares, cairiam em desuso e é pena.

Hoje, tudo se resolve na mesa do café. Oferecem-se chás, retribuem-se visitas, festejam-se aniversários, etc. ... etc.

E que nota pessoal e íntima podemos encontrar nessas reuniões?

Nenhuma!

Tudo é banal e sem interesse.  
Se há um acontecimento feliz em casa, devemos vincá-lo com a nossa personalidade e o nosso carinho.

A vida é feita de pequenos nada, e são eles reunidos que fazem os dias felizes.

Cabe a nós, mulheres, embelezar a vida daqueles que nos rodeiam.

Dê à casa um aspecto de festa.

Ponha na mesa a melhor toalha perfume-a com um ramo de flores, mesmo singelas e baratas; receba o marido com um sorriso, entusiasme os seus filhos a participarem nessa reunião com alegria e mesmo que esteja um pouco cansada, esteja alegre e bonita.

O marido notará que o dia e a casa tem uma nota diferente, sentir-se-á bem em casa e não terá a vontade nem a ideia de sair...

As mulheres, nunca devem esquecer que se os homens não são sentimentais, têm pelo menos estômago, e se este for tratado com carinho, o coração falará...

Setembro de 1985

**Agradecimento**

A Família de Antónia da Silva Sousa (Toneca) vem por este único meio agradecer muito penhorada as provas de estima e de solidariedade prestadas por altura do passamento da saudosa e sempre lembrada Toneca.

**PINTO MIGUEL**

**SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.**

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

**ARMAZENS:**

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

**Dicionários  
EDITORA**

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.  
Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes semente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como da especialidade.  
Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de aplicação e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa - 6.ª edição - é a mais importante obra de referência do seu género, a mais correcta e a mais actualizada quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA. Rua de Pinheiro 100, 4100 PORTO, Lisboa  
Livraria Arnado LDA. Rua de São Mateus, 511 (Agora 321, 323) COMENDADOR  
EMP. L. FLUMINENSE LDA. Rua de S. João, 100, 20000, S. A. - 1305 LISBOA



## Clube Fãozense

Não foram pacíficas as duas assembleias realizadas no Clube Fãozense nos dias 17 e 24 de Agosto. Primeiro as contas não estavam certas ou antes, faltaram dados para se saber se estavam certas.

Por mor disto e talvez por muito mais a Direcção não viu sancionada a lista que apresentara para ser eleita. Ora aqui é que a porca torceu o rabo. E que apresentando na primeira sessão uma lista única, esta viu-se apoiada apenas por oito ou nove votos em meio de várias dezenas de sócios presentes. Na assembleia do dia 31 foi lida uma carta do Presidente da Direcção em que este afirmava que havendo uma lista única, bastaria um único voto de apoio para sancioná-la. Levanta-se a discussão na sala (tudo na boa ordem) e ao fim acabou por reinar o bom senso. Procedeu-se a novas eleições, sendo eleita a seguinte lista:

**ASSEMBLEIA GERAL:** Presidente — Filipe Santos; Vogais — Manuel Sacramento e João Emílio Sá Pereira.

**CONSELHO FISCAL:** Presidente — Adelino Saraiva; Vogais — Sebastião Didier e Umberto Didier.

**DIRECÇÃO:** Presidente — Dr. Carvalho Matos; Vice-Presidente — Eng. João Manuel Teixeira; Secretário — José Luís Ribeiro; Tesoureiro — Francisco Pereira; Vogais — Manuel Cardoso e Ernestino Didier.

## ARRAIAL MINHOTO

Terminaram no dia 31 do mês passado as sessões de arraial minhoto que durante os sábados de Agosto se realizaram na cerca dos Bombeiros.

Houve música, folclore, comes e bebes, enfim houve animação a rodos que contentou turistas, habitantes locais e do mesmo modo os emigrantes.

Às vezes um vento agreste tornava-se indesejado mas nada que matasse ninguém. Pelo contrário, o recinto das festas tornou-se um polo de atracção para gente de fora.

Merecidos parabéns aos fogosos parceiros de Abel da Costa — é uma equipa que apresenta trabalho e ideias — e um aceno de simpatia ao corpo de Bombeiros que preparou comidas, distribuiu refeições, enfim ocorreu a todas as chamadas.

Os Bombeiros são um exemplo de como se consegue dinheiro sem o pedir.

# FÃO DE ANTIGAMENTE

Já há mulheres deputadas  
No Parlamento a falar  
Que apesar de doutoradas  
Ainda não sabem fumar.

Pois meus leitores, cá em Fão,  
Já as temos dessa laia,  
Até corta o coração  
Ao vê: fumar uma saia.

E há aqui cabeça oca  
Qu'é tolinha como um caco,  
Se alguém lhe beija a boca  
Fica a cheirar a tabaco.

Se o mundo assim continua,  
E se assim continuar  
Sai a mulher para a rua  
Vai o homem cozinhar.

In Má língua de 26-12-1918

## A Voz da Póvoa

Deixou de exercer as funções de Director deste periódico que se publica na Póvoa de Varzim o nosso querido amigo José de Azevedo.

Lamentamos o sucedido tanto mais que «A Voz da Póvoa» era um jornal bem colaborado, defensor dos interesses poveiros dignos de interesse e sobretudo era um jornal isento. «Zé» Azevedo é homem de partido, foi inclusivé Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim, mas não consentiu nunca que a política se metesse no seu trabalho jornalístico.

Talvez por isso tivesse que abandonar o jornal, sem dúvida alguma um dos melhores jornais de província que se publicavam em Portugal.

Resta ao amigo Zé a certeza do dever cumprido, a certeza que ajudou a unir mais à sua terra tantos poveiros disseminados por esse mundo fora e o orgulho de sair de cabeça erguida exactamente nos mesmos moldes em que terminou as suas funções na Câmara poveira.

Um abraço de total solidariedade.

Tendo eu José Augusto Fernandes Igreja, proprietário da fábrica de pirotecnia de Barqueiros, fornecido o fogo para a Comissão das festas da proclamação da monarquia em Fão e não tendo a comissão pago a importância desse fogo, faço-lhe saber que será imediatamente executada pela importância em dívida.

In Má língua de 11-3-1919

## HUMOR

### DEFINIÇÕES DE AMOR

**Um retórico:** O amor é uma figura por meio da qual dizemos umas vezes o que não sentimos e sentimos outras o que não dizemos.

**Um farmacêutico:** O amor é uma pílula muito amarga, adoçada por fora para que não repugne ao paladar.

**Um advogado:** O amor é o pleito da vida.

**Um prestidigitador:** O amor é a escamoteação da verdade.

**Um acrobata:** O amor é um salto mortal.

**Um médico:** O amor é uma enfermidade rara, que requer para cada caso um tratamento especial.

**Um filósofo:** O amor é o nada envolto numa ilusão.

**Um gastrónomo:** O amor é um manjar apetitoso, porém indigesto.

**Um dentista:** O amor é uma espécie de dente, que no se pode arrancar sem dor.

**Um militar:** O amor é uma campanha, cujo plano se deve estudar séria e detidamente.

**Um químico:** O amor é um precipitado de alucinações e de cegueiras.

**Um físico:** O amor é uma corrente eléctrica estabelecida entre dois corações, mas que às vezes dá faísca.

**Um sapateiro:** O amor é uma bota, que só quem a calça, é que sabe onde lhe aperta.

Dinis de Vilarelho

## NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

**DIRECTOR:** Armando Saraiva

**COLABORAM NESTE NÚMERO:**

Dr. Armando Saraiva  
Dr.ª Maria Emília Carte-Real  
Maria Arlette S. F.  
Cecília Paixão Amorim  
Tia Mariquinhas  
Dinis de Vilarelho  
Zinha

**PROPRIEDADE:**

Armando dos Santos Saraiva  
José Augusto A. Nobre Madureira

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:**

BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 60318  
4490 Póvoa de Varzim

**Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:**

Anual . . . . . 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante



★★★★★

estalagem  
**PARQUE DO RIO**

**OFIR**  
PORTUGAL

**UM LUGAR TRANQUILO**

Tel. 961521 - 2 - 3 - 4 — Telex 32066

Preço para 2 pessoas em quarto duplo

AP/PA	1/2 P	PC
3.410\$	4.970\$	6.550\$

Preço para 1 pessoa em quarto individual

AP/PA	1/2 P.	PC
2.270\$	3.050\$	3.830\$

ALMOÇO OU JANTAR 940\$ SERVIÇO A CARTA • 1/2 REFEIÇÃO 710\$ SERVIÇO A CARTA



## Da minha



varanda

por ZINHA

Hoje, são já muito poucas as pessoas daqui que vão à Sr.<sup>a</sup> do Lago. Refiro-me à festa da Barca do Lago que sempre ocorre no primeiro domingo de Agosto. Pequena, ainda assisti à passagem de barcos que vinham de Esposende, todos embandeirados, rio acima, a caminho da festa. Daqui partiam outros também, quantas vezes enfeitados de véspera e apinhados de gente.

Pelo que ouvia então, era tradição ir-se à festa e fazer lá festa. De manhã começavam a carregar-se os barcos. Ia a família toda e mais «condessas» e mais

cestas com valentes farnéis. A tapar as cestas, lindas toalhas antigas, brancas, tecidos certamente ao serão. E mais um banco para o pai e mais o «tripó» para a avó se sentar. Também não faltavam os garrafões e até a música — uma valente grafonola, no meio de toda aquela mobília, fazia inveja a quem ficava! E era entre grande algazarra que partia mais um barco a remos, rio acima.

Chegada, a tripulação procurava local aprazível e lá se instalava para passar o dia. No areal, havia sempre montado um corêto, onde os músicos espicaçados pelos folgazes tocavam «as modinhas», cada vez mais animadas, cada vez mais convidativas. E dançava-se e faziam-se rodas e cantava-se e pulava-se. De vez em quando intervalava-se para saborear um bolinho de bacalhau ou uma rodela de chouriça de carne, feita em casa e curada ao fumo, ou uma coxa de frango que ainda no dia anterior havia despertado tudo com o seu cantar. E havia a rosca doce e muito tapadas, os filhós que a avó fizera bem batidas no alguidar. Até os foguetes constituíam brincadeira quando começavam a estourar e iam caindo aqui e ali, no meio dos grupos das pessoas.

Era um dia feliz, bem passado, bem comido e bebido.

Depois, ao fim da tarde, e para apro-

veitar a maré, de novo o barco era carregado, rumo à nossa terra. Acontecia muitas vezes de, pelo caminho, se apinhar baixios e então, carga ao mar — tudo saía e empurrava o barco, quantas vezes por grandes distâncias. Mas tudo isso fazia parte da festa e era festa, tanto mais que agora regressavam os barcos todos em conjunto.

No Cortinhal, junto ao Cais, grande montão de pessoas esperava os barcos e era entre palmas e risos que os festeiros eram aguardados. E todos os anos isto se repetia, mesmo quando não havia festa!

Eu também fui um dia. Que triste experiência! O barco ia carregadíssimo, e o meu Avô, com os calores do Brasil donde tinha chegado há pouco, volta e meia dava um mergulho. Ao regressar ao barco, como era alto e forte, pendurando-se na borda, fazia com que este se inclinasse, balouçasse e parecesse ir deixar entrar toda a água. Eu berrava por quantas tinha! E foi esta cena até chegar à Barca do Lago.

Com que raiva fiquei ao meu Avô! Não comi, não bebi, nem ri. Estava de tal maneira assustada que, na vinda, me trouxeram a pé, por terra. Então dizia depois o meu Avô: — Ó meu bem, você gosta não de andar de barco? Claro que a resposta ficou por dar ...

## O Mundo em que vivemos

### O FIM ANTECIPADO

Olhamos o mar de Mindelo. Tão sereno, tão azul, a espelhar o céu, ondas mansinhas, flocos de renda que vêm esbater-se a nossos pés. Custa a a crer que este mesmo mar tenha, ainda há pouco, avaro e violento, roubado a vida a um homem, desfazendo um lar, deixando truncada uma família.

Foi em 18 de Agosto. António Alves, emigrante em França, viera passar férias a Portugal. Com ele, a esposa e três filhas. Nessa tarde, foram à praia, próximo a Mindelo. A filha mais nova brincava, despreocupada, junto ao mar. Aí, a tragédia: uma onda mais forte arrastou-a e o pai — que até tinha medo do mar — ao vê-la em perigo não hesitou, atirou-se de imediato em socorro da filha. Aos gritos aflitivos da mãe, que da praia presenciava, impotente, o drama, acudiram quatro rapazes, bons nadadores, tendo dois deles conseguido trazer a menina são e salva para terra. Os outros dois salvadores, conseguiram arrastar o pai até muito próximo da praia e, quando parecia que o pesadelo ia terminar, uma onda fortíssima arrancou aos dois moços o desventurado homem e absorveu-o definitivamente.

Olhamos as imagens arrepiantes dos destroços de um carro esventrado, marcado de sangue em vários sítios. Ali, esmagada pelas chapas retorcidas, perdeu a vida, numa tarde de sol, numa estrada do País Basco, uma família portuguesa, cinco pessoas que, emigradas em França, vinham de férias a caminho de Portugal. Igual sorte teve um jovem casal, que perdeu a vida em Sátão, num acidente em automóvel de matrícula francesa.

Nos casos apontados, trata-se de emigrantes portugueses, que, indo procurar noutros países melhores condições

económicas, não podem, no entanto, fugir ao «bichinho» da saudade que os rói e os traz periodicamente à terra-mãe, rever o torrão e a família. Vêm em Agosto, quase todos. Matam as saudades, na alegria do reencontro, e regressam com essa alegria no coração ao país onde labutam.

Mas nem todos. Alguns — felizmente uma minoria — levam consigo, ao regressar, o amargo travo da tragédia, o luto das perdas irrecuperáveis.

Outros, nem sequer regressam: ou ficaram na estrada, entalados nas chapas assassinas do carro bonito, que era a prova do seu sucesso, ou foram engolidos por um mar impiedoso que, dias passados, devolveu à terra os corpos tumefactos e violáceos.

Estes, não regressam mais. Ficaram pelo caminho. Depois da mortalha gélida da Morgue, descansam no cemitério pequeno e modesto da terra que os viu nascer.

Para sempre.

E. Real

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»  
FAO